

## A propagação do *você* pelas estruturas sociais: uma análise linguístico-social entre os séculos XIX e XX<sup>1</sup>

### *The propagation of 'você' through social structures: a linguistic-social analysis between the 19<sup>th</sup> and 20<sup>th</sup> centuries*

Erenildo Queiroz de Souza\*

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil

Márcia Cristina de Brito Rumeu\*\*

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil

**Resumo:** A proposta principal deste trabalho é a de descrever analiticamente as estratégias de referência ao sujeito de segunda pessoa do singular - 2SG (*Vossa Mercê, você, tu*), correlacionando-as às relações sociais que as embasam na produção escrita mineira dos séculos XIX e XX à luz da teoria do Poder e da Solidariedade (Brown; Gilman, 1960), dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Histórica (Hernández-Campoy; Schilling, 2012) e da Sociolinguística Variacionista (Weinreich; Labov; Herzog, 1968; Labov, 1994). Prevedemos que o *você* seja mais produtivo do que o *tu* nas amostras históricas de cartas mineiras, acompanhando outras análises linguísticas também conduzidas pela análise de amostras históricas, ver Lopes et al. (2018) e Rumeu (2020). Com base na produção escrita de redatores brasileiros entre os séculos XIX e XX, observamos que as formas *tu* e *você* predominam nas relações simétricas, o que sugere o encaminhamento da sociedade brasileira pelos domínios da Solidariedade (Brown; Gilman, 1960), ao passo que o *Vossa Mercê* se mantém restrito às relações assimétricas ascendentes (de inferior para superior), conforme Lopes e Rumeu (2015).

**Palavras-chave:** Variação *tu/você*. Mudança linguística. Sistema pronominal. Segunda pessoa. Relações sociais simétricas e assimétricas.

**Abstract:** The aim of this paper is to present analytically the strategies of reference to the second person singular subject - 2SG (*Vossa Mercê, você, tu*) correlating them with the social relations that underlie them in the written production of Minas Gerais in the 19th and 20th centuries in the light of the Theory of Power and Solidarity (Brown; Gilman, 1960), the theoretical-methodological assumptions of Historical Sociolinguistics (Hernández-Campoy; Schilling, 2012) and the Variationist Sociolinguistics (Weinreich; Labov; Herzog, 1968; Labov, 1994). We predict that *você* is more productive than *tu* in the historical samples of letters from

---

<sup>1</sup> Deixamos registrados os nossos sinceros agradecimentos aos pareceristas cujas atentas leituras permitiram-nos, através dos seus comentários, o aprimoramento deste texto. Esclarecemos ainda que as possíveis questões remanescentes são de inteira responsabilidade dos autores.

\* Mestre em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, MG, Brasil; [erenqueiroz@gmail.com](mailto:erenqueiroz@gmail.com)

\*\* Professora Associada, Área de Língua Portuguesa, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, MG, Brasil; [mrumeu@ufmg.br](mailto:mrumeu@ufmg.br)

Minas Gerais, following other linguistic analyzes also conducted by the analysis of historical samples, see Lopes et al. (2018) and Rumeu (2020). Based on the written production of Brazilian editors between the 19th and 20th centuries, we observed that *tu* and *você* predominate in symmetrical relationships, which suggests the direction of Brazilian society through the domains of Solidarity (Brown; Gilman, 1960), while *Vossa Mercê* is limited to ascending asymmetrical relationships (from lower to higher), see Lopes and Rumeu (2015).

**Keywords:** Variation *tu/você*. Linguistic change. Pronominal system. Second person. Symmetric and asymmetric social relations.

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A referência pronominal ao sujeito de 2ª pessoa do singular (doravante, 2SG) dá-se principalmente através das formas *tu* e *você* que convivem no atual espaço do português brasileiro (doravante, PB), configurados principalmente em relação aos eixos diatópico e interacional, conforme Scherre et al. (2009, 2015). Essa discussão acerca da dinâmica *tu/você* leva as autores à identificação de três subsistemas tratamentais – (I) o subsistema de *você*, (II) o subsistema de *tu* e (III) o subsistema da alternância *você/tu* – distribuídos em relação às regiões brasileiras (Tabela 1), conforme Lopes e Cavalcante (2011, p. 39).

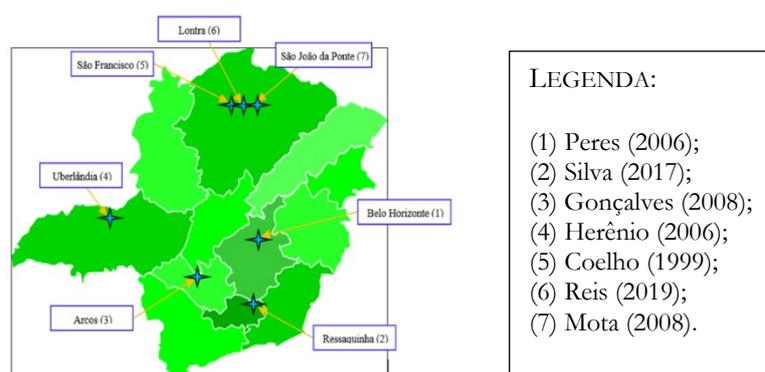
Tabela 1 – Os três subsistemas dos pronomes pessoais de 2SG vigentes nas regiões brasileiras, conforme Lopes e Cavalcante (2011, p. 39 com base em Scherre et al. 2009, 2015).

SUBSISTEMA /REGIÃO	CENTRO-OESTE	SUDESTE	SUL	NORDESTE	NORTE
VOCÊ	√	√	√	√	√
TU	-	-	√	√	√
VOCÊ/TU	√	√	√	√	√

Fonte: Adaptado de Lopes e Cavalcante (2011, p. 39).

Tendo em vista o contexto de *sujeito* ter sido a principal *porta de acesso* assumida pelas formas *você* e *a gente*, ao se inserirem no sistema pronominal do PB (Lopes, 1999; Rumeu, 2004, 2013; Lopes; Cavalcante, 2011; Lopes; Vianna, 2012; Souza, 2012), buscamos descrever analiticamente a alternância *tu/você* na produção escrita de redatores mineiros nascidos e/ou residentes no espaço de Minas Gerais dos séculos XIX e XX. Para tal, partimos da prevalência do *você* na fala mineira contemporânea (Coelho, 1999; Herênio, 2006; Peres, 2006; Gonçalves, 2008; Mota, 2008; Silva, 2017; Reis, 2019), ainda que já tenham sido identificadas evidências do *tu* em localidades específicas do espaço mineiro (São João da Ponte, Ressaquinha, Lontra), conforme discutido, respectivamente, por Mota (2008), Silva (2017) e Reis (2019) e ilustrado na Figura 1. A Figura 1 apresenta as áreas sobre as quais já foram realizadas pesquisas a respeito da referência à 2SG em Minas Gerais.

FLP 24(1)



Fonte: Adaptado de *Ficheiro: Mesorregiões de Minas Gerais*.

Figura 1 – Pesquisas realizadas sobre as variantes *tu* e *você* em Minas Gerais

Tendo em vista a prevalência da referência ao sujeito de 2SG majoritariamente dar-se através do *você* (*ocê* e *cê*) na fala mineira, conforme Coelho (1999), Herênio (2006), Peres (2006), Gonçalves (2008), Mota, (2008), Scherre et al. (2015), Silva (2017), Reis (2019), justifica-se que o foco desta análise esteja voltado para as missivas autógrafas produzidas por brasileiros nascidos e/ou residentes em Minas Gerais entre a 2ª metade do século XIX e a 2ª metade do século XX. A ideia é voltarmos, neste artigo, à discussão da dinâmica *tu/você* à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Histórica (Conde-Silvestre, 2007; Hernández-Campoy; Conde-Silvestre, 2012) e da teoria do Poder e Solidariedade (Brown; Gilman, 1960), com base na produção de redatores mineiros já inseridos na cultura escrita.

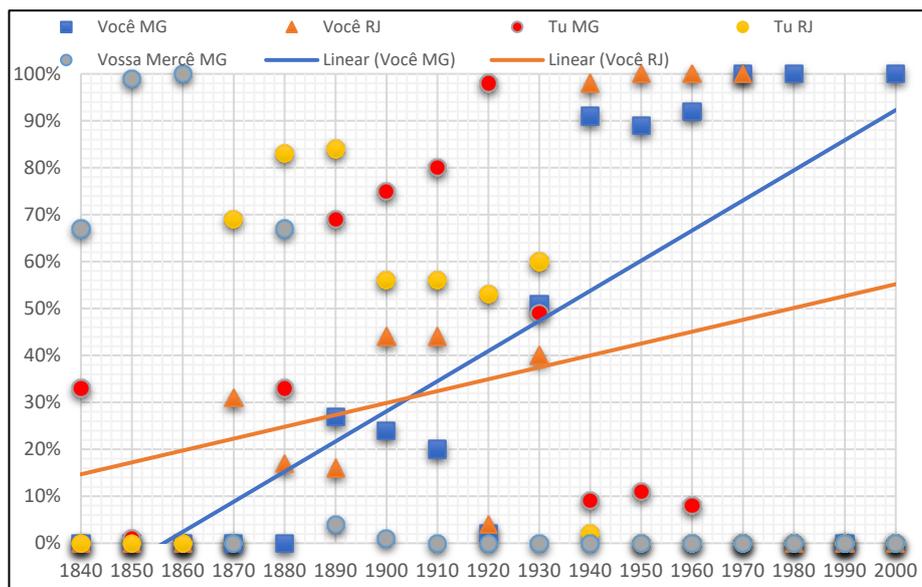
Neste sentido, este texto é motivado pelas seguintes questões: (i) Quais seriam os níveis de produtividade das formas *tu* e *você* na escrita mineira de sincronias passadas? (ii) Quais seriam os tipos de relações sociais que contextualizam o *tu* e o *você* nas cartas mineiras dos séculos XIX e XX? Conjecturamos a prevalência do inovador *você* nas dinâmicas de simetria e de assimetria descendente (de superior para inferior), conforme Souza (2012) e Lopes e Rumeu (2015), cabendo ao *tu* o contexto das assimétricas ascendentes (de inferior para superior), o que está em conformidade com os resultados de Souza (2012). A produtividade da forma *você* em contexto de assimetria social (ascendente) parece estar em consonância com o fato de ter recebido do tratamento nominal *Vossa Mercê* os traços de indiretividade e de atenuação, *resguardando a semântica do respeito e/ou da assimetria social*, conforme discutido por Lopes e Rumeu (2015).

Este texto está estruturado em cinco seções. Nas considerações iniciais, expusemos a regra variável *tu/você*, considerando o ponto de partida (a análise de Lopes; Cavalcante, 2011 à luz de Scherre et al., 2009, 2015), o objetivo principal, as questões motivadoras e a hipótese principal vinculadas às amostras de cartas pessoais produzidas por redatores nascidos e/ou residentes no espaço geográfico de Minas Gerais em sincronias passadas a partir dos resultados de Souza (2021). Inicialmente, assumimos como ponto de partida uma breve descrição dos resultados de análises linguísticas, que embasadas em missivas pessoais, discutem a dinâmica *tu/você* em missivas oitocentistas e novecentistas cariocas e mineiras, conforme Souza (2012) e Souza (2021). Passamos, na sequência, à fundamentação teórica orientada não só pelos parâmetros da Sociolinguística Histórica, mas também pelos princípios da teoria do Poder e da Solidariedade, conduzindo a discussão também pela apresentação das

amostras de missivas mineiras. Prosseguimos com a apresentação dos resultados gerais no que se refere à variação *tu/você* e às relações sociais que as subsidiam em função da dinâmica social travada entre remetente e destinatário. Por fim, chegamos às generalizações sobre a dinâmica *tu/você* em função das estruturas sociais que as contextualizam na produção escrita mineira de sincronias passadas (séculos XIX e XX).

## 2 A ALTERNÂNCIA TU/VOCÊ: O QUE NOS DIZEM ALGUMAS ANÁLISES HISTÓRICAS?

Os resultados dos estudos sobre a alternância *tu/você* têm evidenciado o gradual e paulatino avanço do *você*, de modo a atingir os mesmos espaços funcionais do *tu* (Lopes et al., 2009; Rumeu, 2013). Isso posto, passamos à uma breve descrição analítica dos resultados de Souza (2012) e de Souza (2021) em relação à variação *tu/você* no PB escrito dos séculos XIX e XX (cf. Gráfico 1). Apesar de o foco desta análise estar voltado às formas *tu/você*, trazemos algumas evidências de *Vossa Mercê*, considerando os dados de tal forma tratamental nas missivas mineiras oitocentistas (Souza, 2021). As formas de referência ao sujeito de 2SG e as estruturas verbais a elas correlacionadas aparecem em itálico nos exemplos deste artigo.



Fonte: Elaboração própria à luz dos resultados de Souza (2012) e Souza (2021).

Gráfico 1 – As formas *vossa mercê*, *você* e *tu* nas cartas cariocas (Souza, 2012) e mineiras (Souza, 2021) entre os séculos XIX e XX.

Nas cartas cariocas, Souza (2012) reconhece três fases no processo de inserção do *você* no quadro pronominal do PB, tendo em vista as setecentas e sessenta e duas (762) ocorrências de pronomes sujeito de 2SG. No período de 1870 a 1890, observamos as elevadas frequências de uso alcançadas pelo *tu*: 69% (38 oco<sup>2</sup>) em 1870; 83% (131 oco) em 1880 e 84% (120 oco) em 1890. Já entre os anos de 1900 e 1920, a autora observa evidências da variação *tu/você*, ainda que o *tu* tenha se sobressaído com

<sup>2</sup> “oco”: ocorrências.

as frequências de 56% (81 oco) em 1900; 56% (112 oco) em 1910 e 53% (115 oco) em 1920. Por outro lado, dos anos 30 aos anos 70 do século XX, o *você* começa a alavancar os seus índices, ao passar de 40% (111 oco) em 1930 aos índices percentuais de 98% (57 oco) em 1940; 100% (20 oco) em 1950; 100% (57 oco) em 1960; e 100% (53 oco) em 1970. Segundo Souza (2012), nos anos 30 do século XX, temos um tímido início do processo de inserção do *você* no sistema pronominal do PB, o que se coaduna especificamente como o momento de reorganização do sistema pronominal e a consequente mudança na marcação do parâmetro de língua *pro drop*, conforme Duarte (1995). De (1) a (9), ilustramos as formas *tu* e *você* nas missivas cariocas analisadas por Souza (2012).

- (1) “[...] *Tu* me *dizes* que o Otávio está aborrecido [...]” (OC, 1881)<sup>3</sup>.
- (2) “[...] Já encomendei as velas bentas que me *pediste*. [...]” (Sr. P-Z, 1870).
- (3) “[...] e não convem que *tu* o *faças*, pois seria abusar [...]” (J, 1901).
- (4) “[...] mas como *você* tem podido ser mais frequente” (GM. Col. Cupertino, 1880).
- (5) “[...] Entreguei a ella o embrulho dos kakis que *Você* *mandou*. A Amanda darei depois o que *Você* me *pedio*. [...]” (NCS. BH, 04.05.1948).
- (6) “[...] Como *tens você*, a tua Mãe e Marido e Pai e irmãos passado? [...]” (Sr. P-Z, 1877).
- (7) “[...] se *você* não *ficares* sangado, eu posso-te esperar todos os sábados [...]” (M-J, 1936).
- (8) “[...] eu pesso-te para *voce* *marcares* um encontro para Domingo [...]” (M-J, 1937).
- (9) “[...] A 1ª observação; *você* *repara* a má pontuação, etretanto, mesmo com a má pontuação, *você* e todos que si correspondem comigo, entendem o que quero dizer [...]” (BN-HL, 20.10.1966).

Nas cartas mineiras, Souza (2021) identifica, entre os anos de 1840 e 2000, mil cento e noventa e quatro (1194) ocorrências de estratégias de referência ao sujeito de 2SG, distribuídas entre as formas *Vossa Mercê*, *você* e *tu* por também três fases no eixo do tempo, o que está em harmonia com os resultados expostos no Gráfico 2 e na Tabela 4 deste artigo. Entre os anos de 1840 e 1880, é o *Vossa Mercê* a forma prevalente (1840 → 67%, 2 oco; 1850 → 99%, 67 oco; 1860 → 100%, 5 oco; 1880 → 67%, 2 oco), mesmo que em alternância com o *tu* (1840 → 33%, 1 oco; 1850 → 1%, 1 oco; 1860 → 0%, 1880 → 33%, 1 oco). No período de 1890 a 1920, o *Vossa Mercê* decresce até mostrar-se improdutivo nas cartas mineiras analisadas (1890 → 4%, 2 oco; 1900 → 1%, 1 oco; 1910 → 0%; 1920 → 0%), ao passo que o *tu* (1890 → 69%, 38 oco;

<sup>3</sup> Optamos por ilustrar os dados linguísticos não só através da referência abreviada ao nome do autor, de modo a resguardar a anonimidade dos informantes, mas também através da menção ao local (quando é mencionado na carta) e à data de redação das missivas. Entre os exemplos (21) e (41), acrescentamos relação interpessoal entre o redator e o destinatário da sua carta.

1900 → 75%, 60 oco; 1910 → 80%, 57 oco; 1920 → 98%, 292 oco) passa a prevalecer, ainda que em convivência com o *você* (1890 → 27%, 15 oco; 1900 → 24%, 19 oco; 1910 → 20%, 14 oco; 1920 → 2%, 5 oco). Dos anos 30 do século XX em diante, as formas *tu* e *você* passam a conviver intensamente. Nesse período, o *você* se destaca (1930 → 51%, 93 oco; 1940 → 91%, 88 oco; 1950 → 89%, 134 oco; 1960 → 92%, 121 oco; 1970 → 100%, 37 oco; 1980 → 100%, 10 oco; 2000 → 100%, 6 oco), enquanto o *tu* mostra-se em declínio (1930 → 49%, 88 oco; 1940 → 9%, 9 oco; 1950 → 11%, 16 oco; 1960 → 8%, 10 oco; 1970 → 0%; 1980 → 0%; 2000 → 0%). Isso posto, é importante voltarmos também o foco ao fato de a década de 30 do século XX representar o momento da mudança de parâmetro do sujeito nulo no PB (Duarte, 1995), como já verificado por Souza (2012) em relação aos dados da produção escrita carioca. Ilustramos, de (10) a (20), dados das formas *Vossa Mercê*, *você* e *tu* nas correspondências pessoais mineiras examinadas por Souza (2021).

- (10) “Bem sensível me he a noticia do estado do Padre Americo, tanto mais *que* avista do *que Vossa Mercê* me *diz* não me animo a esperar *que* melhora.” (BANP. Paciencia (MG), 07.09.1853).
- (11) “[...] Olinto tem Lhe esperado *para fazer Lhe* sua proposta sobre o Paciencia, e como ancio *que Vossamercê* ainda se *demora*, disse-me hontem *que* breve ahi aparecerá. [...]” (BANP. Sam Vicente (MG), 15.09.1855).
- (12) “[...] *Você pedio* a nomeação de dous officiaes. [...]” (JPS. Ouro Preto (MG), 07.01.1892).
- (13) “O fim desta é para te participar *que* já me mudei e *que voce póde* vir a hora *que* muito bem quiser. [...]” (EAP. BH (MG), 20.06.1911).
- (14) “[...] Que maravilhosa és *tu*, minha boa Cecy, *que fizeste* do mais desiludido dos homens, o mais esperançoso, o mais crente, o mais vibrante? [...]” (JAVS. Machado (MG), 31.12.1924).
- (15) “[...] mas se é rico não faz mal, *voçê* não *achas?* [...]” (ST. BH (MG), 18.01.1932).
- (16) “[...] Estou daqui torcendo pela sua eleição, mas sempre pensando *que voce* não *deve* se impressionar com um desfecho *que* lhe seja acaso desfavorável. [...]” (AGF. Brasília, 19.06.1963).
- (17) “[...] Não espero o fim do mês para mandar-lhe minha carta. *Você sabe*: gosto demais de escrever-lhe. [...]” (RCAM. BH (MG), 20.10.1977).
- (18) “[...] *Você poderia* colaborar conosco? [...]” (HL. BH (MG), 19.05.1982).
- (19) “[...] *Você poderá* utilizar o dinheiro para novas assinaturas. [...]” (AR. 16.10.1989).
- (20) “A boneca *que* dei para *você* pertenceu à minha avó [...] Para *que voce saiba* a origem desta boneca” (AEM. LBVM. SI, 14.04.2007).

Com base nessa breve descrição analítica da distribuição das formas pronominais de referência ao sujeito de 2SG pelos eixos temporal (séculos XIX e XX)

e diatópico (Rio de Janeiro e Minas Gerais), alcançamos, em síntese, as seguintes generalizações:

- Para a produção escrita dos cariocas, observamos, com base em Souza (2012), a mudança, no início da era novecentista (século XX), do subsistema *tu* para o subsistema *tu/você* e, na sequência, para o subsistema *você* principalmente a partir dos anos 30 e 40 do século XX, corroborando as considerações de Rumeu (2013) também embasadas em missivas históricas cariocas dos séculos XIX e XX;

- Para a produção escrita dos mineiros, verificamos não só rastros de uma expressão mais conservadora, marcada pelos dados de *Vossa Mercê* até o final da era oitocentista (fins do século XIX), mas também evidências da variação *tu/você*, entre os anos de 1890 e 1930, sucedida da progressiva difusão do *você*, que passa, a partir dos anos 40 do século XX, ao uso categórico.

### 3 PARÂMETROS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA SOCIOLINGÜÍSTICA HISTÓRICA APLICADA ÀS MISSIVAS MINEIRAS: AUTORIA, AUTENTICIDADE E VALIDADE SOCIAL E HISTÓRICA DAS AMOSTRAS HISTÓRICAS

A confiabilidade das análises no âmbito da Sociolinguística Histórica depende da aplicação de parâmetros teórico-metodológicos aos processos de levantamento, triagem e análise das fontes históricas (Lima; Marcotulio; Rumeu, 2019; Lopes; Rumeu, 2018; Lopes et al., 2010), uma vez que se trata da informação que sobreviveu à força do tempo como evidência “[...] fragmentária, escassa e dificilmente vinculável à produção real de seus falantes”<sup>4</sup> (Conde-Silvestre 2007, p. 35, tradução nossa). Assim sendo, voltamo-nos, neste texto, às questões relacionadas à *autoria*, à *autenticidade* e à *validade social e histórica* das amostras textuais de sincronias passadas (Hernández-Campoy; Schilling, 2012).

Como as fontes linguísticas de sincronias passadas são manuscritas, reconhecemos a *autoria* como basilar para a interpretação certificada acerca do punho (brasileiro ou português) que efetivamente redigiu os textos históricos. Para tal, entendemos como essencial a análise dos traços paleográficos dos redatores de manuscritos históricos. A questão é revelarmos se a letra de quem assina o texto histórico é a mesma letra de quem redige o texto (*testemunho autógrafa*), havendo a possibilidade de termos em cena um traçado distinto daquele que o assinou (*testemunho apógrafo*) e de ainda termos um texto redigido por um escrevente distinto (*testemunho idiógrafo*) de quem supervisionou a sua redação (*autoria intelectual*). Assim sendo, entendemos que a identificação dos traços paleográficos da escrita é indispensável ao reconhecimento da *autoria* dos textos de sincronias passadas. Nesse sentido, optamos pela análise das formas *tu/você* em função das relações sociais que as embasam a partir de cartas *autógrafas* de indivíduos, dotados de um forte domínio dos modelos de escrita e unidos pela intimidade das relações interpessoais.

A *autenticidade* das amostras históricas demanda a atenção do linguista-pesquisador ao fato de os textos escritos evidenciarem-se como contextos potencialmente favoráveis à expressão da norma de uso dos remetentes, dotados, no caso das amostras de cartas mineiras em análise, de um maior domínio dos modelos

<sup>4</sup> “[...] la información [...] es fragmentaria, escasa y dificilmente vinculable con la producción real de sus hablantes.” (Conde-Silvestre, 2007, p. 35, grifo do autor).

de escrita. Temos também de atentar às evidências de *hipercorreção*, de *mistura dialetal* e dos possíveis *erros* do escriba, conforme Labov (1994, p. 11, grifo nosso) que podem se misturar à expressão da norma de uso (Cunha, 1985) do PB escrito nos séculos XIX e XX. Acrescentemos ainda o fato de que as fontes históricas comprovam tão somente as evidências linguísticas positivas em relação ao sistema linguístico como um todo, tendo sempre em vista ainda a ação do “filtro da escrita” (Romaine, 2010). Considerando o potencial da genuína expressão linguística vernacular das cartas pessoais, entendemos a *autenticidade* como condição fundamental, para que, através de tais fontes históricas, resgatemos os tipos de relações sociais mais íntimas que consubstanciam a dinâmica *tu/você* dos redatores brasileiros (mineiros) nos séculos XIX e XX.

O trabalho de reconstituição dos perfis sociais dos redatores das missivas se impõe ao linguista-pesquisador como um aspecto essencial à veracidade dos resultados das análises no âmbito da Sociolinguística Histórica. Assim sendo, a *validade social e histórica* está consubstanciada não só na reconstituição dos perfis dos escreventes, mas também na reconstrução das estruturas sociais de um dado contexto histórico-social (Labov, 1994)<sup>5</sup>. Como este estudo está prioritariamente fundamentado na análise de cartas pessoais produzidas por redatores socialmente reconhecidos, os seus perfis sociais são facilmente resgatados através, por exemplo, de índices genealógicos e de dicionários biográficos (Barata; Bueno, 2000; Martins Filho, 2013). Temos em análise a produção escrita de redatores cujos perfis sociais são identificados em virtude de suas notáveis funções sociais no Brasil oitocentista e novecentista.

FLP 24(1)

#### 4 AS FORMAS PRONOMINAIS E A TEORIA DO PODER E SOLIDARIEDADE

A proposta de Brown e Gilman (1960), no texto *The pronouns of power and solidarity*, é a de que evidências linguísticas da estruturação social de uma dada comunidade idiomática podem ser externadas através das formas pronominais de referência ao sujeito de 2SG.

Considerando que, em latim, as formas *tu* e *vós* opunham-se essencialmente em relação ao traço de número para a expressão do singular e do plural, respectivamente, temos, no século IV, a referência cerimoniosa a um único interlocutor que se materializava através do *vós* (*vous* no francês), caracterizando a semântica das relações de *poder*. A semântica do *poder* materializa-se através do uso do *vós* em contexto de assimetria social e não-reciprocidade. Nesse contexto social assimétrico, um dos interlocutores pode se dirigir, em interações marcadas por uma dinâmica descendente (de superior para inferior), ao outro através do *tu* e receber o *vós* (*tu-vós*) ou pode tratar o seu interlocutor por *vós* e receber o *tu* também como evidência de uma assimetria ascendente (de inferior para superior). Por outro lado, Brown e Gilman (1960, p. 280) preveem a possibilidade de uso do polido e simétrico *vós-vós* (*vous-vous*) e do mútuo e simétrico (*tu-tu*). A projeção é a de que a dimensão da Solidariedade tende a ser ampliada na atualidade, conforme também discutido por Wardhaugh (2006 [1986]) em relação aos movimentos sociais das sociedades modernas.

<sup>5</sup> “...we usually know very little about the social position of the writers, and not much more about the social structure of the community.” (Labov, 1994, p. 11).

Como o foco desta análise está voltado à dinâmica *tu/você*, assumimos como profícua a discussão acerca da variação entre as estratégias de referência ao sujeito de 2SG a partir das relações simétricas e assimétricas ascendentes (superior-inferior) e descendentes (inferior-superior) que as contextualizam no complexo sistema das relações sociais nas eras oitocentista e novecentista. Ainda que o *você* seja uma variante íntima do *tu*, essa forma pronominal é proveniente de uma forma de tratamento cerimonioso (*Vossa Mercê*), vigente até os séculos XVIII e XIX como expressão de uma forma linguística de *poder* que substituiu o cortês e respeitoso *vós* para referência ao sujeito de 2SG. Assumimos, em conformidade com Brown e Gilman (1960), o *você*, que como uma variante formal do *tu*, tenha o uso também orientado, por outro lado, por seu caráter indireto, sua semântica menos invasiva e menos “ameaçante ao interlocutor”, conforme Rumeu (2013, p. 52) a partir das discussões de Lopes e Machado (2005) e de Soto (2001, 2007).

## 5 O TRABALHO COM *CORPORA* HISTÓRICOS: AS CARTAS MINEIRAS OITOCENTISTAS E NOVECENTISTAS EM FOCO

Os resultados desta análise estão embasados em 324 missivas históricas produzidas por redatores brasileiros, dotados, em sua maior parte, de um forte domínio dos modelos de escrita, confira Barbosa (2005, 2008). Apresentamos, na Tabela 2, uma síntese das amostras de cartas distribuídas pelos acervos históricos, autores, gênero (sexo) dos redatores, períodos e tipos de cartas (comerciais e pessoais (amorosas, familiares e de amizade)).

FLP 24(1)

Tabela 2 – Amostras históricas em função dos acervos, períodos, gênero das missivas e sexo dos informantes.

ACERVOS <sup>6</sup>	AUTORES	GÊNERO (SEXO)		PERÍODOS	GÊNERO TEXTUAL DA MISSIVA				TOTAL
		H	M		CARTA COMERCIAL	CARTA PESSOAL			
						AMOR	FAMILIAR	AMIZADE	
AEM	29	16	13	1911 a 2007	-	06	67	77	150
AN (RJ)	01	01	-	1848 a 1858	26	-	-	-	26
AP	03	01	02	1924 a 1969	-	59	01	-	60
APCBH	07	06	01	1890 a 1915	-	-	21	05	26
APM	01	01	-	1868 a 1908	-	05	07	13	25
IHGGMG	09	06	03	1907 a 1986	-	-	24	25	49
MAB	07	03	04	1930 a 1956	-	01	20	01	22
TOTAL	57	34	23	-	26	71	140	121	358

Fonte: Elaboração própria.

As cartas comerciais versam sobre questões relacionadas à mineração do ouro em terras brasileiras (Silva, 2012) no âmbito da família do Barão de Cocais. Trata-se,

<sup>6</sup> Legenda: AEM - Acervo dos Escritores Mineiros; AN (RJ) - Arquivo Nacional do Rio de Janeiro; AP - Acervo Pessoal; APCBH - Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte; APM - Arquivo Público Mineiro; IHGGMG - Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais; MAB - Museu Abílio Barreto.

pois, de vinte e seis cartas que contextualizam a dinâmica das relações comerciais acerca das negociações que envolvem a produção e a venda de minérios em terras mineiras (Cocais, São Vicente, Paciência e Machado). Contamos também com as amostras de trezentos e trinta e duas cartas pessoais (amorosas, familiares e de amizade) produzidas por escreventes cujos papéis sociais correspondem às funções sociais de advogado, escritor, jornalista, poeta, político, professor, o que os evidenciam como representantes da elite letrada brasileira em interações mais íntimas e cotidianas.

Com base na análise de 358 missivas pessoais e comerciais redigidas por escreventes nascidos e/ou residentes no espaço de Minas Gerais, entre os anos de 1840 e 2000, submetemos os dados à linguagem R que, por sua vez, permite “computações estatísticas e gráficas, compilar e anotar *corpora*, produzir listas de frequências”, conforme Oushiro (2014, p. 134), considerando ainda as potencialidades do programa na interface do *RStudio* (Oushiro, 2014, p. 136). Isso posto, passamos aos resultados das formas de referência ao sujeito de 2SG correlacionadas às relações sociais (simétricas e assimétricas) que as embasam.

## 6 AS FORMAS DE REFERÊNCIA AO SUJEITO 2SG CORRELACIONADAS ÀS RELAÇÕES SOCIAIS NA PRODUÇÃO ESCRITA MINEIRA

Neste trabalho, parte-se da hipótese de que, nas relações simétricas e nas assimétricas descendentes (de superior para inferior), o *você* prevaleceria, confira Lopes e Rumeu (2015, p. 23), ainda que as relações de simetria social tendem a fomentar a variação entre as formas *tu* e *você*, confira Souza (2012, p. 86). No contexto das assimétricas ascendentes (de inferior para superior), a hipótese é a de que o *tu* seria a forma preferida, considerando as constatações de Souza (2012, p. 139) embasadas nas cartas cariocas (XIX e XX). Assim sendo, voltamos o foco, na Tabela 3, à distribuição das formas de referência ao sujeito de 2SG pelas relações sociais simétricas e assimétricas. Para o aproveitamento ao máximo das amostras de cartas históricas, passamos à análise dos dados de formas pronominais de 2SG inclusive em cartas não datadas (1236 ocorrências), mas seguramente produzidas por punhos de informantes nascidos e/ou residentes no espaço brasileiro de Minas Gerais.

Tabela 3: As formas de referência ao sujeito de 2SG correlacionadas às relações sociais simétricas e assimétricas (ascendentes e descendentes)

RELAÇÕES SOCIAIS <sup>7</sup>	FORMAS DE REFERÊNCIA AO SUJEITO DE 2SG		
	VOSSA MERCÊ	VOCÊ	TU
ASCENDENTE (de inferior para superior)	79/102 (77%)	17/102 (17%)	6/102 (6%)
DESCENDENTE (de superior para inferior)	-	107/290 (37%)	183/290 (63%)
SIMÉTRICA (entre iguais)	-	445/844 (53%)	399/844 (47%)
<b>TOTAL</b>	<b>79/1236 (6,39%)</b>	<b>569/1236 (46,04%)</b>	<b>588/1236 (47,57%)</b>

Fonte: Elaboração própria.

<sup>7</sup> Reflete o universo de dados, que não é balanceado, levando-se em conta o fato de, em Sociolinguística Histórica, o pesquisador ficar restrito aos dados que sobreviveram à ação do tempo.

Com base na análise da Tabela 3, verificamos, em termos gerais, a prevalência do *Vossa Mercê* em 77% dos dados (79/102) nas assimétricas ascendentes (21), acompanhado das formas *você* e *tu* que, por outro lado, mostram-se com baixas frequências de uso, 17% (17/102) e 6% (6/102) respectivamente. Nas assimétricas descendentes, prevalece o *tu* em 63% dos dados (183/290), que convive com o *você* que, em 37% (107/290), parece avançar com mais vigor. Por outro lado, tanto o *você* (22) quanto o *tu* (23) mostram-se em acirrada variação no contexto das simétricas com índices percentuais de 53% (445/844) e 47% (399/844) respectivamente.

Dado de *Vossa Mercê* em relação assimétrica ascendente (de inferior para superior):

- (21) “[...] porque estando em longe e ausente do lar, tenho a certeza de que *Vossa Merve fica* inquieta e acabrunhada [...]” (NCS. Ouro Preto (MG), 07.02.1895, filho-mãe).

Dado de *você* em relação simétrica:

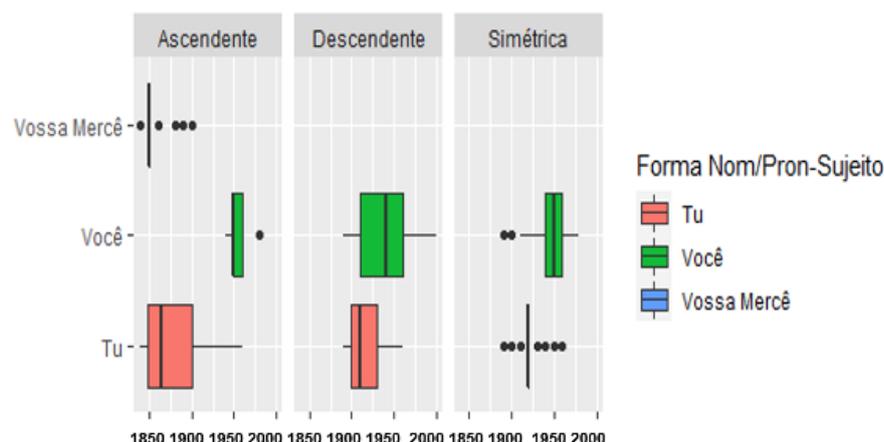
- (22) “[...] Logo que surja, *você será*, como sempre, das primeiras a receber um exemplar. [...]” (AGF. Brasília, 06.11.1968, amigo-amiga).

Dado de *tu* em relação simétrica:

- (23) “[...] Porque não me *escreveste* mais? A tua letra é muito grande. Por mais que me *escreves*, sempre me *escreves* menos do que eu a ti. [...]” (AR. 10.09.1925, noivo-noiva).

Constatamos, de um modo geral, uma alternância mais intensa entre as formas *tu* (588/1236, 47,57%) e *você* (569/1236, 46,04%), evidenciando tão somente, em 6,39% dos dados (79/1236), alguns rastros do conservador *Vossa Mercê*, restritos ao século XIX. Passamos à análise pormenorizada da correlação entre as formas de referência ao sujeito de 2SG, voltando o foco à dinâmica *tu/você* e às relações sociais que as subsidiam entre os séculos XIX e XX. Para isso, utilizamo-nos de parte desses 1236 dados (cf. Gráfico 2 correlacionado à Tabela 4), especificamente 1194 ocorrências, uma vez que foram excluídos 42 dados produzidos em cartas sem datação, ainda que comprovadamente redigidas por punhos mineiros. Conduzimos, através da correlação entre o Gráfico 2 e a Tabela 4, a distribuição das formas de referência ao sujeito de 2SG pelas relações sociais e pelo eixo do tempo (séculos XIX e XX), totalizando 1194 ocorrências de formas de referência à 2SG em missivas datadas.

FLP 24(1)



Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 2 – As formas de referência ao sujeito 2SG em função das relações sociais no decorrer dos séculos XIX e XX, cf. Souza (2021)

Passamos à correlação entre os índices percentuais e os seus respectivos valores quantitativos brutos (número de ocorrências). Nesse sentido, organizamos, na Tabela 4, os resultados quantitativos que podem ser lidos no eixo horizontal, vinculados aos tipos de relações sociais (simétricas e assimétricas (ascendentes e descendentes)) e, no eixo vertical, relacionados ao eixo temporal (décadas dos séculos XIX e XX).

Tabela 4 – As formas *Vossa Mercê*, *Tu* e *Você* distribuídas pelas relações sociais ao longo dos séculos XIX e XX, cf. Souza (2021).

FLP 24(1)

REL. SOCIAL	2SG	PERÍODO															TOTAL GERAL	
		1840-1849	1850-1859	1860-1869	1880-1889	1890-1899	1900-1909	1910-1919	1920-1929	1930-1939	1940-1949	1950-1959	1960-1969	1970-1979	1980-1989	2000-2009		
ASSIM. ASCENDENTES	VM <sup>CE</sup>	2 2%	67 67%	5 5%	2 2%	2 2%	1 1%	-	-	-	-	-	-	-	-	-	79 79%	100/ 1194 (8%)
	TU	1 1%	1 1%	-	1 1%	-	-	-	-	-	-	-	1 1%	-	-	-	4 4%	
	VOCÊ	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1 1%	8 8%	7 7%	-	1 1%	-	17 17%	
ASSIM. DESCENDENTES	TU	-	-	-	-	15 5,5%	49 18%	52 19%	8 2,9%	49 18%	5 1,84%	-	2 0,74%	-	-	-	180 66,18%	272/ 1194 (23%)
	VOCÊ	-	-	-	-	10 3,68%	10 3,68%	9 3,31%	-	9 3,31%	12 4,41%	5 1,84%	21 7,72%	9 3,31%	1 0,37%	6 2,21%	92 35,82%	
SIMÉ-TRICAS	TU	-	-	-	-	23 2,8%	11 1,34%	5 0,61%	284 34,6%	39 4,74%	4 0,49%	16 1,95%	7 0,85%	-	-	-	389 47,32%	822/ 1194
	VOCÊ	-	-	-	-	5	9	5	5	84	75	121	93	28	8	-	433	

					0,61%	1,1%	0,61%	0,61%	10,2%	9,12%	14,7%	11,3%	3,41%	0,97%		52,68%	(69%)
<b>TOTAL GERAL</b>	3	68	5	3	55	80	71	297	181	97	150	131	37	10	6	<b>1194</b>	

Fonte: Elaboração própria.

Considerando que a maior distribuição dos dados está nas relações simétricas, em 69% dos dados (822/1194), passamos à análise das formas de referência ao sujeito de 2SG, cf. o Gráfico 2 e a Tabela 4. Nas dinâmicas de simetria social, as ocorrências de *tu* estão concentradas entre os anos de 1920-29, o que está indicado pela posição da mediana do *boxplot* (Gráfico 2) e também explícita, na Tabela 4, através do índice de 34,6% de *tu* (284/822). Na linha horizontal, há pontos próximos que evidenciam dados de *tu* distribuídos a partir do ano de 1890 (23/822, 2,8%), alcançando o início do século XX: 1900-09 (11/822, 1,34%) e 1910-19 (5/822, 0,61%).

Em relação especificamente aos dados de *tu* das relações simétricas, observamos a presença da mediana (linha vertical espessa – Gráfico 2), evidenciando a produtividade dos dados de *tu* na década de 20 do século XX, conforme ilustrado em (24). Temos 284 ocorrências concentradas entre os anos de 1920 e 1929 (284/389, 34,6%). Por outro lado, verificamos ainda que *tu* e *você* parecem disputar o espaço funcional desde o final do século XIX até a década de 1969, sendo a partir do ano de 1930 o momento em que o *você* passa a apresentar maior produtividade do que o *tu*. Nesse sentido, confirmamos a hipótese de que o *você* (433/822, 52,68%) seria mais produtivo do que o *tu* (389, 47,32%) nas relações simétricas, conforme também observado por Lopes e Rumeu (2015, p. 23) para as cartas mineiras e por Souza (2012, p. 86) para as cartas cariocas. Nas relações simétricas, o fato de as evidências de *tu* restringirem-se aos *outliers* do *boxplot* revela que há discrepância entre os dados de *tu*, conforme já comentado em relação à produtividade de *tu* na década de 1920.

Dados de *tu* da década de 1920:

(24) “[...] *podes* ficar certa de que eu sou digno da confiança que em mim *depositas* [...]”.  
(AVS. Machado (MG), 28.01.1925, noivo-noiva).

A década de 20 do século XX (1920-29) destaca-se por apresentar um maior número de ocorrências de formas pronominais. Trata-se de 297 ocorrências (297/1194) distribuídas preferencialmente pelas relações simétricas (289) e assimétricas descendentes (8). Com base na amostra de cartas analisadas, a década de 20 do século XX mostra-se marcada pela produtividade do conservador *tu*. Nesse sentido, os dados respaldam o fato de se lidar com fontes históricas que sobreviveram à ação do tempo, configurando, pois, o desafio do linguista-pesquisador que é o de trabalhar da melhor forma possível com os dados que sobreviveram à ação do tempo (Labov, 1994).

Nas relações simétricas, os dados de *você* evidenciam uma maior simetria no que se refere à sua distribuição mais equilibrada principalmente entre os anos de 1930 e 1960, assumindo uma maior concentração na década de 50 do século XX (121/822, 14,7%). Ainda no âmbito das simétricas, os dois pontos isolados à esquerda da linha horizontal representam dados de *você* discrepantes em relação aos demais dados na virada do século XIX para o século XX, confira 25 (a-d), ao passo que, em 26 (a-g), temos as evidências do *você* no início do século XX.

Dados de *você* na década de 1890:

- (25) “[...] Precisas viver; acho conveniente que a Dona Nicota e o Neusinho venhão ficar uns tempos em tua casa cuidando dos meninos e que *Você* venha passar uns tempos commigo. [...]”. (JPS. Caeté (MG), 29.12.1896, amigo-amigo).
- (a) “[...] comprei um corte de seda para você; [...] por que *você precisa* de um bom vestido [...]”. (JPS. RJ, 15.02.1891, esposo-esposa).
- (b) “[...] você manda fazer a mudança [...] *Você* não quis mandar medida para um vestido [...]”. (JPS. RJ, 15.02.1891, esposo-esposa).
- (c) “[...] Vou passar-te telegrammas [...] Recebeu o berço? [...] Como é que *você diz* que eu não lembro [...]”. (JPS. RJ, 09.11.1890, esposo-esposa).
- (d) “[...] da veneração por tua esposa, [...] e que *Você* não deixaria tambem soffrer nunca um filho meo... [...]”. (JPS. Caeté (MG), 29.12.1896, amigo-amigo).

#### Dados de *você* no ano de 1900:

- (26) “[...] como *Você* já sabe [...] representações que *Você prometteo* mandar [...]”. (PB. S.l., 19.08.1908, amigo-amigo).
- (a) “[...] Vejo que não podes demorar longe dos seus [...] tudo isto eu desejaria que *você examinasse* bem [...]”. (JPS. BH, 23.05.1908, amigo-amigo).
- (b) “[...] eu desejaria que *você* examinasse bem, não para *fazer* um relatório [...]”. (JPS. BH, 23.05.1908, amigo-amigo).
- (c) “[...] eu desejaria que *você* examinasse bem, não para fazer um relatório, mas para *ficar* sabendo bem nitidamente [...]”. (JPS. BH, 23.05.1908, amigo-amigo).
- (d) “[...] que *você* examinasse bem, não para fazer um relatório, mas para ficar sabendo bem nitidamente e *poder* dar uma opiniao [...]”. (JPS. BH, 23.05.1908, amigo-amigo).
- (e) “[...] que *você examinasse* bem [...] que quantidade de dinheiro *precisa* [...]”. (JPS. BH, 23.05.1908, amigo-amigo).
- (f) “[...] em nome da Republica para faser o movimento d. baixo para cima. *Voce tem*-no largo e forte [...]”. (JPS. Caeté (MG), 25.02.1905, amigo-amigo).
- (g) “[...] sabes aquellas nomeações de supplentes a juizes [...] *respondeu-me Você* [...]”. (GF. Mariana (MG), 27.12.1906, amigo-amigo).

Nas relações assimétricas descendentes (de superior para inferior), as formas *tu* e *você* disputam o espaço de atuação funcional com maior concentração de dados entre os anos de 1910 (*tu*) e de 1940 (*você*). Os dados de *tu*, nas assimétricas descendentes, mostram algum nível de disparidade na distribuição dos dados, confira o Gráfico 2. Na 1ª década do século XX (1910), os dados estão concentrados com frequência de uso de 19% (52/272), confira a Tabela 4. De uma forma geral, os dados de *tu* estão mais equanimemente distribuídos nos anos de 1900 (49/272, 18%) e de 1930 (49/272, 18%), circunscritos pelas linhas verticais (esquerda e direita, respectivamente) do *boxplot* do Gráfico 2. A partir de 1940 do século XX (Tabela 4), os percentuais de *tu*, exemplificados em (27) e (28), mostram-se em declínio, passando de 18% (49/272), na década de 30, para 1,84% (5/272), na década de 40, até alcançar, na década de 60, 0,74% dos dados (2/272).

Dados de *tu* na década de 1960:

- (27) “[...] Bernardino de *teres* chegado ahi com bôa viagem graças a Deus, e das boas noticias que me *dás* dos nossos negócios [...]”. (JAG. BH (MG), 18.12.1962, pai-filhos).
- (28) “[...] Voce já está entrando no negocio [...] Fiquei satisfeito Bernardino de *teres* chegado ahi com bôa viagem [...]”. (JAG. BH (MG), 18.12.1962, pai-filhos).

Nas assimétricas descendentes, há uma certa disparidade na distribuição dos dados do *você*, concentrados, por sua vez, entre os anos de 1940 (1940=12/272) e de 1960 (1960=21/272). Embora em menor quantidade, o 1º quartil, que tem limite máximo representado pela linha vertical esquerda do *boxplot* do *você* descendente, indica a sua distribuição desde 1890 (10/272) até 1910 (9/272), ao passo que o 2º quartil está representado pela mediana, entre as décadas de 30 e 40 do século XX – ver Gráfico 2. Nos anos de 1910, 1930, 1950, 1970, 1980 e 2000, temos menos de 10 ocorrências de *você*, além de um único dado de *você* registrado na década de 80 do século XX, como ilustrado em (29).

Dado de *você* na década de 1980:

- (29) “[...] *Você* poderia colaborar conosco? [...]”. (HL. BH, 19.05.1982, amiga-amigo).

Os dados do *você* (desde 1890 até 2000) distribuem-se mais equilibradamente ao longo do tempo do que os dados do *tu* (1890 até 1960), ainda que, no cômputo geral, o *tu* (180/272) prevaleça em relação ao *você* (92/272) no âmbito das relações assimétricas descendentes. No entanto, da década de 70 em diante, a forma *você* é categórica nas assimétricas descendentes, mesmo que com baixo número de dados, confirmando a hipótese de que, nas assimétricas descendentes, a partir da década de 1960, o *você* seria a forma mais preferida, conforme discutido por Lopes e Rumeu (2015, p. 23).

Nas relações assimétricas ascendentes (de inferior para superior), prevalece o *Vossa Mercê* em 79% dos dados (79/100), ainda que não esteja distribuído equilibradamente ao longo do tempo, mas mostra-se produtivo na década de 50 do século XIX (ver Gráfico 2 e Tabela 4). O ponto isolado à esquerda da mediana (ver Gráfico 2) possivelmente representa os dois dados das sentenças (30) e (31), ambos da mesma carta comercial voltada ao Barão de Cocais. As demais ocorrências discrepantes de *Vossa Mercê* estão representadas pelos quatro pontos à direita da mediana (ver Gráfico 2), que representam dados isolados de *Vossa Mercê*, conforme ilustramos de (32) a (35). Confirmamos, na amostra analisada, a hipótese de que o *Vossa Mercê* apresentaria maior produtividade no século XIX como observado por Lopes e Rumeu (2015, p. 19), também com base na análise de cartas mineiras, o que dialoga com o fato de se tratar de uma forma nominal que já teria se tornado arcaica, desde os séculos XVII e XVIII, conforme Faraco (2018).

Dados de *Vossa Mercê* na década de 1840:

- (30) “[...] Estimei muito que *Vossa Mercê* si *satisfizesse* com o preço [...] foram vendidas na Itabira a 3760 reis como verá da Conta junta [...]”. (BNP. Cocais (MG), 21.07.1848, genro-sogro).

- (31) “[...] Estimei muito que *Vossa Mercê* satisfizesse com o preço [...] foram vendidas na Itabira a 3760 reis como *verá* da Conta junta [...]”. (BANP. Cocais (MG), 21.07.1848, genro-sogro).

Dado de *Vossa Mercê* na década de 1860:

- (32) “[...] Dezejo-lhe completa ventura: ella constitui a minha. não *julge* *Vossa merce* entereceiras estas exprecões [...]”. (JPS. Ouro Preto (MG), 21.12.1869, sobrinho-tio).

Dado de *Vossa Mercê* na década de 1880:

- (33) “[...] *Vossa merce* naturalmente *deve* [...]; e a certidão *Vossa merce* há de tirar em duplicata. [...]”. (JPS. Ouro Preto (MG), 10.02.1882, sobrinho-tio).

Dado de *Vossa Mercê* na década de 1890:

- (34) “[...] porque estando em longe e ausente do lar tenho a certeza de que *Vossa Mercê* fica inquieta e acabrunhada [...]”. (NCS. Ouro Preto (MG), 07.02.1895, filho-mãe).

Dado de *Vossa Mercê* na década de 1900:

- (35) “[...] Mas, a quem devo isto, senão a *Vossa Mercê* que com tanta bondade e desinteressadamente *vae* me educando! [...]”. (AS. BH (MG), 30.08.1904, sobrinho-tio).

Nas relações assimétricas ascendentes, ainda que se tenham em cena poucas ocorrências do *tu* (4/100, 4%), a mediana do Gráfico 2 indica os dados nas décadas de 40, 50, 80 do século XIX e uma única ocorrência na década de 60 do século XX, conforme ilustrado de (36) a (39).

Dados de *tu* nos anos de 1840, 1850, 1880 e 1960:

- (36) “[...] Aqui mesmo vos direi um [...] Aninha esta as voltas [...] e pergunta como já *vães*? Papai [...]”. (BANP. Cocais (MG), 21.07.1848, genro-sogro)<sup>8</sup>.
- (37) “[...] eque me *escrevas* sempre. [...]”. (BANP. Sam Vicente (MG), 07.09.1854, genro-sogro).
- (38) “[...] pedir-lhe [...] de emprestar-me 200:000 reis [...] Sendo isto possível, *farás* um acto de justiça [...]”. (JPS. SP, 08 e 09.06.1884, sobrinho-tio).
- (39) “[...] Como *vais* passando de saúde. [...]”. (FRA. RJ, 11.12.1968, sobrinho-tia).

Nas relações assimétricas ascendentes (de inferior para superior), o limite esquerdo do *boxplot* (Gráfico 2) evidencia que as ocorrências do *voce* não estão distribuídas de forma equilibrada ao longo do tempo, ficando entre 8% (8 oco) e 7% (7 oco) dos dados nas décadas de 50 e 60 do século XX respectivamente (ver Tabela 4). O ponto isolado à direita do retângulo (Gráfico 2) indica dados discrepantes na

<sup>8</sup> Há trechos em que o genro (BANP) se volta, nas linhas finais das missivas, ao sogro (Barão de Cocais) para tratar de assuntos familiares. Ao final dessas cartas, o redator (BANP) permitia, por vezes, que a sua esposa (Ana Cassemira) expusesse breves notícias familiares ao pai (o Barão de Cocais).

década de 1980, conforme ilustramos em (40). Além desse dado isolado na década de 1980, há também a década de 1940 com apenas uma ocorrência de *você* na dinâmica de assimetria ascendente (ver Tabela 4), conforme ilustramos em (41).

(40) “[...] Como *você tem* passado? [...]”. (MAVP, Campanha (MG), 13.12.1983, sobrinha-tia).

(41) “[...] Terei muito gosto que *você venha*. [...]”. (CLB, Lambari (MG), 25.11.1941, afilhada-madrinha).

Nas relações assimétricas ascendentes, o *você* mostrou-se mais produtivo do que o *tu* infirmando, a partir das amostras de cartas analisadas, a hipótese de que esse contexto de assimetria social ascendente fomentaria o *tu*, conforme observado por Souza (2012, p. 86) em relação às cartas cariocas.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas cartas mineiras, a alternância *tu/você* mostra-se mais produtiva nas relações simétricas (entre iguais) e assimétricas descendentes (de superior para inferior). Com o objetivo de responder as questões fomentadoras deste texto, passamos às generalizações possíveis acerca das relações sociais que parecem respaldar os usos das formas *tu* e *você*.

(i) Quais seriam os níveis de produtividade das formas *tu* e *você* na escrita mineira de sincronias passadas?

A baixíssima produtividade do *Vossa Mercê*, em tão somente 6,39% dos dados (79/1236) restritos ao século XIX, é compreensível, tendo em vista a celeridade do processo de gramaticalização em questão no PB nos períodos analisados (séculos XIX e XX), conforme Lopes e Rumeu (2007), Rumeu (2013), Faraco (2018, p. 121), Lopes et al. (2018), entre outros. De um modo geral, estão em cena o *tu* e o *você* que concorrem acirradamente, assumindo índices percentuais de 47,57% (588/1236) e de 46,04% (569/1236) respectivamente. Na produção escrita mineira, a proeminência do *tu* se mostra dissonante em relação à atual realidade sincrônica da fala mineira que é a de prevalência do *você* (Coelho, 1999; Peres, 2006; Gonçalves, 2008; Herênio, 2006; Mota, 2008; Scherre et al., 2015; Silva, 2017; Reis, 2019). O conservadorismo da língua escrita parece ter motivado a dinamização do *tu* (47,57%), infirmando a hipótese inicial de prevalência do *você* nas cartas mineiras oitocentistas e novecentistas analisadas.

(ii) Quais os tipos de relações sociais que contextualizam o *tu* e o *você* nas cartas mineiras dos séculos XIX e XX?

De um modo geral, as formas pronominais *tu* e *você* predominam nas relações simétricas. Acrescentemos ainda a forte dinâmica de alternância entre as formas *você* (53%) e *tu* (47%) nas relações simétricas, o que permite interpretar o encaminhamento da sociedade mineira pelos domínios da *solidariedade* (Brown; Gilman, 1960). Por outro lado, os dados de *Vossa Mercê* mostram-se circunscritos ao século XIX e as relações de assimetria ascendente, conservando a *semântica do poder* (de inferior para superior), conforme discutido por Lopes e Rumeu (2015) também voltado às missivas mineiras.

Em síntese, confirmamos, através das amostras de cartas mineiras analisadas, o fato de o *você* se encaminhar (ao lado do *tu*) no âmbito da simetria social para a

referência ao interlocutor como uma evidência da sua aderência à *semântica da solidariedade* no Brasil oitocentista (1890-99).

## REFERÊNCIAS

Barata CEA, Bueno AHC. Dicionário das famílias brasileiras. São Paulo: Ibero-América; 2000. (Vol. 1 e 2).

Barbosa AGB. Tratamento dos corpora de sincronias passadas da língua portuguesa no Brasil: recortes grafológicos e linguísticos. In: Lopes CRS, organizadora. A norma brasileira em construção: fatos linguísticos do século 19. Rio de Janeiro: UFRJ, FAPERJ; 2005. p. 25-43.

Barbosa AGB. Fontes escritas e história da língua portuguesa no Brasil: as cartas de comércio no século XVIII. In: Lima IS, Carmo L, organizadores. História social da língua nacional. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa; 2008. p. 181-211.

Brown R, Gilman A. The pronouns of power and solidarity. In: Sebeok TA, editor. Style in language. Cambridge-Mass: MIT Press, 1960; p. 253-276.

Coelho MSV. Uma abordagem variacionista do uso da forma você no Norte de Minas [dissertação]. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais; 1999.

Conde-Silvestre JC. Sociolinguística Histórica. Madrid: Gredos; 2007.

Cunha CA. Questão da norma culta. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; 1985.

Duarte MEL. A perda do princípio 'evite pronome' no português brasileiro [tese]. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas; 1995.

Faraco C. O tratamento "você" em português: uma abordagem histórica. *LaborHistórico*, 2018;3(2), 114-132.

Ficheiro: mesorregiões de Minas Gerais [mapa/internet]. [citado 28 jun. 2020]. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Mesorregi%C3%B5es\\_de\\_Minas\\_Gerais.svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Mesorregi%C3%B5es_de_Minas_Gerais.svg).

Gonçalves CR. Uma abordagem sociolinguística do uso das formas você, ocê e cê no português [tese]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; 2008.

Herênio KKP. Tu e você em uma perspectiva intra-linguística [dissertação]. Uberlândia: Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia; 2006.

Hernández-Campoy JM, Conde-Silvestre, JC. The handbook of Historical Sociolinguistics. Nova Jersey, EUA: Wiley-Blackwell; 2012.

Hernández-Campoy JM, Schilling N. The application of the quantitative paradigm to Historical Sociolinguistics: problems with the generalizability principle. In: Hernández-Campoy JM, Conde-Silvestre JC. The handbook of Historical Sociolinguistics. Nova Jersey, EUA: Wiley-Blackwell; 2012. p. 63-79.

Labov W. Principles of linguistic change: internal factors. Cambridge: Blackwell Publishers; 1994. (Vol. 1).

Lima AX, Marcotulio LL, Rumeu MCB. Experiências metodológicas em constituição de corpora: pistas para um pesquisador iniciante. In: Castilho AT, organizador. História do português brasileiro: corpus diacrônicos do português brasileiro. São Paulo: Contexto; 2019. p. 68-91. (Vol. 2).

- Lopes CRS. A inserção de a gente no quadro pronominal do português: seu percurso histórico [tese]. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 1999.
- Lopes CRS, Cavalcante SR. A cronologia do voçamento no português brasileiro: expansão de *você*-sujeito e retenção do clítico-*te*. *Linguística*, 2011;25:30-65.
- Lopes CRS, et al. Sobre norma e tratamento em cartas a Rui Barbosa. In: Aguilera VA, organizadora. Para a história do português brasileiro. Londrina: EDUEL; 2009. p. 45-92.
- Lopes CRS, et al. Reflexões metodológicas para a análise sociocultural de redatores em corpora históricos. *Gragoatá*, 2010;29:239-253.
- Lopes CRS, et al. A reorganização do sistema pronominal de 2ª pessoa na história do português brasileiro: a posição de sujeito. In: Castilho AT, organizador. História do português brasileiro: mudança sintática das classes de palavra – perspectiva funcionalista. São Paulo: Contexto; 2018. p. 24-140.
- Lopes CRS, Machado ACM. Tradição e inovação: indícios do sincretismo entre a segunda e a terceira pessoas nas cartas dos avós. In: Lopes CRS, organizadora. A norma brasileira em construção: fatos linguísticos em cartas pessoais do século 19. Rio de Janeiro: UFRJ, FAPERJ; 2005. p. 45-66.
- Lopes CRS, Rumeu MCB. O quadro de pronomes pessoais do português: as mudanças na especificação dos traços intrínsecos. In: Castilho AT, et al., organizadores. Descrição, história e aquisição do português brasileiro. Campinas: Pontes, FAPESP; 2007. p. 419-436.
- Lopes CRS, Rumeu, MCB. A difusão do *você* pelas estruturas sociais carioca e mineira dos séculos XIX e XX. *LaborHistórico*, 2015;1(1):12-25.
- Lopes CRS, Rumeu MCB. A identificação dos perfis socioculturais dos redatores de corpora históricos: encaminhamentos metodológicos. *Diadorim*, 2018;20:147-168.
- Lopes CRS, Vianna JBS. A competição entre *nós* e *a gente* nas funções de complemento e adjunto: desvendando outras portas de entrada para o pronome inovador. *Caligrama: Revista de Estudos Românicos*, 2012;17(2):137-161.
- Martins Filho AV. Novo dicionário biográfico de Minas Gerais: 300 anos. Belo Horizonte: Instituto Cultural Amilcar Martins; 2013.
- Mota A. A variação dos pronomes ‘tu’ e ‘você’ no português oral de São João da Ponte (MG) [dissertação]. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais; 2008.
- Oushiro, L. Tratamento de dados com o R para análises sociolinguísticas. In: Freitag RMK, organizadora. Metodologia de coleta e manipulação de dados em Sociolinguística. São Paulo: Editora Edgard Blücher; 2014. p.133-176.
- Peres EP. O uso do *você*, *ocê*, *cê* em Belo Horizonte: um estudo em tempo aparente e em tempo real [tese]. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais; 2006.
- Reis ZM. A variação ‘tu’ e ‘você’ no português falado e escrito em Lontra (MG) [dissertação]. Montes Claros: Universidade Estadual de Montes Claros; 2019.
- Romaine S. Socio-historical linguistics: its status and methodology. New York: Cambridge University Press; 2010.
- Rumeu MCB. Para uma história do português no Brasil: formas pronominais e nominais de tratamento em cartas setecentistas e oitocentistas [dissertação]. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2004.

- Rumeu MCB. Língua e sociedade: a história do pronome “você” no português brasileiro. Rio de Janeiro: Ítaca, FAPERJ; 2013.
- Rumeu MCB. Variation in the paradigms of ‘tu’ and ‘você’ subject and complements in letters from Minas Gerais, Brazil, 1860-1989. In: Hummel M, Lopes CRS, organizadores. Address in Portuguese and Spanish. 1.<sup>a</sup> ed. GmbH, Berlin/Munich/Boston: De Gruyter; 2020. p. 227-249.
- Scherre MMP, et al. Usos dos pronomes *você* e *tu* no português brasileiro. II Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa, 6-11 out. 2009; Évora, Portugal. Évora: Universidade de Évora; 2009.
- Scherre MMP, et al. Variação dos pronomes “tu” e “você”. In.: Martins MA, Abraçado J, organizadores. Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro. São Paulo: Contexto; 2015. p.133-172.
- Silva FC. Barões do ouro e aventureiros britânicos no Brasil. 1.<sup>a</sup> ed. São Paulo: EDUSP; 2012.
- Silva SC. A variação dos pronomes *tu* e *você* na fala mineira de Ressaquinha (MG) [dissertação]. Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto; 2017.
- Soto EUMS. Variação/mudança do pronome de tratamento alocutivo: uma análise enunciativa em cartas brasileiras [tese]. Araraquara: Faculdade de Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”; 2001.
- Soto EUMS. Cartas através do tempo: o lugar do outro na correspondência brasileira. Niterói: Ed. da UFF; 2007.
- Souza EQ. As formas de referência ao sujeito de 2<sup>a</sup> pessoa do singular em missivas mineiras dos séculos XIX e XX: uma análise linguístico-social [dissertação]. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais; 2021.
- Souza JPF. Mapeando a entrada do você no quadro pronominal: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX [dissertação]. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2012.
- Wardhaugh R. Solidarity and politeness. In: Wardhaugh R, organizador. An introduction to sociolinguistics. Oxford: Blackwell; 2006[1986]. p. 255-279.
- Weinreich U, Labov W, Herzog MI. Empirical foundations for a theory of language change. In: Lehmann W, Malkiel Y, organizadores. Directions for historical linguistics. Texas: University of Texas Press; 1968. p. 97-188.